

# Relatório Investimentos Trimestral



Apresentação dos cenários macroeconômicos: nacional e internacional



# IPRESB

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL  
DOS SERVIDORES MUNICIPAIS DE BARUERI

## **INTRODUÇÃO**

Informações sobre o Instituto	3
-------------------------------	---

## **CENÁRIO MACROECONÔMICO**

EUA	5
Europa	10
China	15
Nacional	20

## **GESTÃO DE INVESTIMENTOS**

Comentário da Gestão de Investimentos	27
Informações de Nosso Portfólio	31

# INFORMAÇÕES SOBRE O INSTITUTO

**Objetivo:** Pagar aposentadoria as servidoras e servidores titulares de cargo efetivo do município de Barueri e pensão por morte aos seus dependentes na forma da lei.

**Modelo de gestão:** Própria com um Comitê de Investimentos deliberativo.

**Adesão ao Pró-gestão:** Nível III.

**Taxa de administração:** Uma taxa de até 2,0% sobre a base de contribuições dos servidores ativos.

**Meta atuarial para o ano de 2025:** IPCA + 5,24% a.a.

**Meta atuarial para o 1S25:** IPCA + 2,59% a.s.

**Performance do portfólio no 1S25:** IPCA+2,93% a.s.

**Patrimônio líquido:** R\$3,955Bi

**Presidente do Instituto:** Weber Seragini

## **Servidores do IPRESB que compõem a diretoria de Investimentos e atuária:**

Eliezer Antônio da Silva - Gestor de Investimentos e Atuária

Rogério da Silva Guedes - Gerente de Investimentos e Atuária

Bruno Paiva de O. P. Silva - Analista previdenciário - Atuário

Eduardo A. C. B. Cordeiro - Analista previdenciário - Economista

## **Comitê de Investimentos**

Eliezer Antônio da Silva - Presidente do Comitê

Diego Stefani – Membro do Comitê

Erick Marinho da Silva - Membro do Comitê

Laís Alencar Bernardes – Membro do Comitê

Raimundo Nonato de Carvalho Jr. – Membro do Comitê

# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL – EUA



# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO INTERNACIONAL - EUA

## Inflação

No segundo trimestre de 2025, os principais indicadores de inflação dos EUA apresentaram comportamentos distintos, refletindo pressões heterogêneas nos preços ao consumidor e ao produtor.

O Índice de Preços ao Consumidor (CPI) iniciou o trimestre com desaceleração, marcando 2,3% em abril, o menor nível desde fevereiro de 2021. No entanto, houve uma reversão dessa tendência nos meses seguintes: em maio, a taxa subiu para 2,4%, e, em junho, alcançou 2,7%, impulsionada principalmente por alimentos, serviços de transporte e automóveis usados. Os preços de energia seguiram em queda, mas em ritmo cada vez menor, o que contribuiu para a aceleração inflacionária. O núcleo da inflação (core CPI), que exclui alimentos e energia, manteve-se estável em 2,8% em abril e maio, subindo para 2,9% em junho.

O Índice de Preços ao Produtor (PPI) mostrou comportamento mais volátil. Em abril, houve queda de 0,5% nos preços ao produtor, principalmente devido à forte retração nos serviços. Em maio, o índice avançou 0,1% com alta nos preços de bens como tabaco, gás natural e alimentos processados. Em junho, a inflação ao produtor anual acelerou para 2,7%, acompanhando o movimento do CPI, enquanto o núcleo do PPI desacelerou de 3,2% para 3%, indicando algum alívio nas pressões subjacentes.

Por fim, o Índice de Despesas de Consumo Pessoal (PCE), preferido pelo Federal Reserve, permaneceu moderado. O núcleo do PCE ficou em 2,5% em abril, subindo levemente para 2,7% em maio, enquanto a taxa cheia passou de 2,1% para 2,3% no mesmo intervalo. Os dados de junho serão divulgados no final de julho, mas as previsões mais recentes indicam uma elevação tanto do núcleo do PCE como do índice cheio, com expectativa de chegarem a 3,1% e 3,0% respectivamente.

De modo geral, o segundo trimestre de 2025 indicou um repique inflacionário nos preços ao consumidor, principalmente em junho, após sinais de alívio em abril. O movimento será monitorado de perto pelo Fed, considerando a importância do núcleo do PCE para as decisões de política monetária.



# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO INTERNACIONAL - EUA

## Juros

Entre abril e junho de 2025, o Federal Reserve (Fed) manteve a taxa básica de juros dos Estados Unidos no intervalo entre 4,25% e 4,50% nas duas reuniões realizadas no período. A decisão de manter os juros estáveis reflete uma postura cautelosa diante de um cenário de incerteza econômica, influenciado, sobretudo, pelas políticas tarifárias adotadas pelo governo dos EUA. O Fed avalia que tais medidas podem gerar pressões inflacionárias adicionais, ao mesmo tempo em que impactam negativamente o crescimento econômico.

Embora indicadores recentes apontem para uma continuidade da expansão da atividade econômica, o Fed revisou para baixo sua projeção de crescimento do PIB, estimando agora uma alta de 1,4% em 2025 (ante 1,7% anteriormente), com previsão de crescimento de 1,6% em 2026. A taxa de desemprego também foi ajustada para cima, sendo estimada em 4,5% para 2025 e 2026. Em relação à inflação, espera-se que o índice PCE fique em 3,0% neste ano, recuando para 2,4% em 2026 e 2,1% em 2027.

Nas comunicações mais recentes, os dirigentes do Fed expressaram visões divergentes: enquanto alguns membros consideram apropriado iniciar cortes na taxa de juros ainda em 2025, possivelmente já na próxima reunião, outros defendem a manutenção da atual taxa por mais tempo. Apesar das divergências, há consenso de que o impacto das tarifas sobre a inflação pode ser temporário e que os fundamentos de médio e longo prazo permanecem ancorados. A perspectiva atual, portanto, é de que o Fed continue monitorando cuidadosamente os dados econômicos antes de tomar qualquer decisão, mantendo uma abordagem paciente e baseada em evidências.



# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

## Bolsas

---

No segundo trimestre de 2025, os mercados acionários dos Estados Unidos apresentaram desempenho excepcional, encerrando o período com fortes ganhos e renovando recordes históricos. Os índices S&P 500 e Nasdaq fecharam junho em máximas históricas, impulsionados pela combinação de expectativas por cortes nas taxas de juros e avanços nas negociações comerciais, especialmente com China, Reino Unido e Canadá. Esse ambiente mais favorável reduziu a percepção de risco e elevou o apetite por ativos de renda variável, contribuindo para a recuperação consistente dos mercados.

O índice S&P 500 acumulou alta de 10,57% no trimestre, encerrando o período aos 6.204,95 pontos. Já o Nasdaq, mais sensível ao desempenho do setor de tecnologia, liderou os ganhos com valorização expressiva de 17,75%, alcançando 20.369,73 pontos. O Dow Jones também avançou, com ganho de 4,98%, terminando em 44.094,77 pontos.

Apesar do forte desempenho trimestral, o primeiro semestre como um todo foi desafiador para os mercados, marcado por volatilidade e incertezas persistentes em relação à política comercial adotada pelo governo norte-americano. As tensões se intensificaram após o anúncio de tarifas abrangentes por parte do presidente Donald Trump em abril, levando os investidores a adotarem uma postura mais cautelosa no início do ano.

Contudo, o avanço em acordos comerciais e a possibilidade de uma abordagem mais moderada na política monetária — diante da expectativa de substituição do presidente do Fed — alimentaram o otimismo no segundo trimestre. A combinação de dados econômicos mais fracos com declarações de autoridades reforçou as apostas em cortes de juros ainda em 2025, contribuindo para a valorização dos ativos de risco. Além disso, o fim do trimestre foi marcado por ajustes pontuais de portfólio por parte de gestores, com o objetivo de melhorar a composição dos fundos na virada do período.

## PIB

---

A economia dos Estados Unidos registrou uma contração anualizada de 0,5% no primeiro trimestre de 2025, segundo dados revisados do Bureau of Economic Analysis (BEA). Esse desempenho negativo marca a primeira retração trimestral em três anos e foi mais acentuado do que a estimativa anterior de queda de 0,2%. O resultado reflete, principalmente, uma desaceleração significativa no consumo das famílias, que cresceu apenas 0,5% — o ritmo mais fraco desde os impactos iniciais da pandemia — e nas exportações, que subiram apenas 0,4%.

A forte elevação das importações, que avançaram 37,9%, também contribuiu negativamente, impulsionada por uma antecipação de compras por parte de empresas e consumidores diante do anúncio de novas tarifas comerciais. Esse movimento gerou um desequilíbrio na balança comercial, pressionando o resultado do PIB. Ao mesmo tempo, os gastos do governo federal caíram 4,6%, o maior recuo desde o primeiro trimestre de 2022.

# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

## PIB

Por outro lado, os investimentos fixos cresceram 7,6%, demonstrando resiliência e contribuindo parcialmente para suavizar a queda. Na comparação interanual, o PIB americano cresceu 2,0%, o menor avanço desde o quarto trimestre de 2022, com destaque negativo para a forte alta das importações (12,7%) sob o efeito das políticas comerciais em vigor.

A retração da atividade econômica ocorre em um contexto de juros ainda elevados e inflação persistente, cenário que impõe um dilema ao Federal Reserve, entre conter pressões inflacionárias e evitar um enfraquecimento prolongado do crescimento. Além disso, as políticas tarifárias implementadas pelo governo Trump aumentam a incerteza no ambiente econômico.

As expectativas para os próximos trimestres indicam uma possível retomada do crescimento, ainda que em ritmo mais moderado. O Fed poderá reavaliar sua política monetária diante desse novo quadro, e o desenrolar das negociações comerciais será determinante para o desempenho da economia americana ao longo de 2025.

## Mercado de Trabalho

O mercado de trabalho norte-americano registrou criação de 147 mil vagas em junho de 2025, superando as expectativas de 117,5 mil e indicando leve aceleração em relação ao número revisado de maio (144 mil). Com os ajustes positivos também nos dados de abril (+11 mil), o crescimento médio trimestral de empregos subiu para 150 mil. A taxa de desemprego recuou de 4,2% para 4,1%, sugerindo continuidade na recuperação do mercado, embora alguns sinais de fragilidade tenham emergido.

Apesar do saldo positivo, os ganhos de emprego continuam concentrados em setores específicos — como saúde, lazer, hospitalidade e governo estadual e local — sem evidência de crescimento generalizado. Além disso, a taxa de participação da força de trabalho caiu, e a taxa de desemprego entre trabalhadores negros aumentou 0,8 ponto percentual, atingindo 6,8%, o maior nível desde janeiro de 2022. Esse movimento, historicamente, tem sido associado a sinais precoces de enfraquecimento da economia.

Outro ponto de atenção está na dinâmica de rotatividade. O mercado apresenta baixa mobilidade, com nível de contratações em patamares historicamente baixos e trabalhadores pouco inclinados a buscar novas oportunidades. Embora os pedidos iniciais de seguro-desemprego tenham recuado para 233 mil, os pedidos contínuos — que indicam dificuldade de recolocação — permanecem elevados, em 1,964 milhão, o maior nível em três anos e meio.

Por fim, incertezas sobre o impacto das tarifas e demais políticas econômicas do governo Trump seguem afetando o ambiente de negócios e a confiança na contratação. Ainda assim, os mercados financeiros reagiram positivamente ao relatório, com futuros dos principais índices em alta. O cenário atual sugere resiliência do mercado de trabalho, porém com riscos crescentes de desaceleração nos próximos meses.

# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL EUROPA



# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

## Inflação

No segundo trimestre de 2025, a inflação da Zona do Euro oscilou em torno da meta de 2% estabelecida pelo Banco Central Europeu (BCE). Em abril, a taxa anual foi confirmada em 2,2%, puxada principalmente pelos serviços (1,8 p.p.), enquanto a inflação subjacente (core) subiu para 2,7%. Em maio, houve recuo para 1,9%, abaixo da meta, com desaceleração acentuada nos serviços (3,2%) e queda nos preços de energia (-3,6%). A inflação voltou a acelerar em junho, atingindo 2%, impulsionada pela alta em serviços (3,3%), enquanto os preços de energia continuaram em retração, embora em ritmo menor. A inflação subjacente permaneceu estável em 2,3%, o menor patamar desde janeiro de 2022.

Já no Reino Unido, a inflação apresentou trajetória ascendente no período. Em abril, a taxa anual saltou para 3,5%, influenciada pelo aumento do teto tarifário da Ofgem, agência reguladora do mercado de energia no Reino Unido, com destaque para os preços de gás e eletricidade. Em maio, houve leve recuo para 3,4%, com queda nos preços de transportes e correção de erros estatísticos, mas os alimentos pressionaram para cima. Em junho, a inflação voltou a subir para 3,6%, acima das expectativas, com forte influência dos combustíveis, passagens aéreas e produtos alimentícios. A inflação de serviços se manteve em 4,7%, e a inflação subjacente acelerou para 3,7%, reforçando a persistência das pressões inflacionárias internas.

Esses dados refletem dinâmicas distintas entre as duas economias: enquanto a Zona do Euro se aproxima de uma estabilização inflacionária, o Reino Unido enfrenta dificuldades maiores em conter pressões de preços, sobretudo em itens voláteis e serviços essenciais. Esses contrastes devem influenciar as posturas dos respectivos bancos centrais nos próximos meses.

## Juros

No segundo trimestre de 2025, a política monetária da Zona do Euro foi marcada por duas reduções consecutivas na taxa de juros pelo Banco Central Europeu (BCE), nas reuniões de 17 de abril e 5 de junho. Em abril, a taxa de depósito foi reduzida para 2,25%, a de refinanciamento para 2,40% e a de empréstimo marginal para 2,65%. Essa decisão refletiu a confiança do BCE de que a inflação segue em trajetória de convergência sustentável para a meta de 2%, diante da desaceleração da inflação geral e subjacente, da moderação nos salários e da absorção de custos pelas empresas. A reunião de junho confirmou a expectativa de novo corte de 25 pontos-base, com o BCE destacando que os riscos globais – em especial as tensões comerciais com os EUA – seguem afetando a confiança, os investimentos e as condições financeiras. As projeções do BCE indicam inflação de 2,0% em 2025 e de 1,6% em 2026, com crescimento do PIB estimado em 0,9% este ano. Embora o ciclo de cortes esteja próximo do fim, o BCE sinalizou que a condução futura da política monetária dependerá de dados econômicos e da evolução dos riscos externos.

# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

## Juros

No Reino Unido, a trajetória da taxa básica foi mais cautelosa. Em maio, o Banco da Inglaterra (BoE) decidiu, por margem estreita (5 a 4), reduzir a taxa de juros em 25 pontos-base, de 4,5% para 4,25%. A decisão considerou a contínua desaceleração da inflação, que havia recuado para 2,6% em março, e o enfraquecimento da atividade econômica e do mercado de trabalho. Contudo, em junho, o BoE optou por manter a taxa em 4,25% (6 a 3), destacando a persistência de pressões inflacionárias e os riscos globais, como novos choques energéticos e tarifas comerciais. Apesar da fraqueza do PIB e do afrouxamento do mercado de trabalho, a autoridade monetária ressaltou que a inflação poderá permanecer em níveis elevados no curto prazo antes de convergir à meta. Assim, o BoE reafirmou uma postura cautelosa e gradual, orientada por dados, diante de um cenário com riscos inflacionários em ambas as direções.



## PIB

A economia da zona do euro cresceu 0,6% no primeiro trimestre de 2025, o dobro da estimativa anterior de 0,3%, marcando a expansão mais forte desde o terceiro trimestre de 2022. Esse desempenho foi impulsionado pelo crescimento excepcional da Irlanda, de 9,7%, e por um resultado da Alemanha mais forte do que o inicialmente divulgado. Entre as principais economias, Espanha e Alemanha se destacaram com crescimentos de 0,6% e 0,4%, respectivamente. A Itália registrou expansão de 0,3%, enquanto França e Holanda apresentaram avanços modestos de 0,1% cada. Pelo lado da demanda, o investimento fixo aumentou 1,8%, acima dos 0,7% registrados no quarto trimestre de 2024, enquanto o consumo das famílias cresceu 0,2%, desacelerando frente aos 0,5% do trimestre anterior. Os gastos do governo permaneceram estáveis, após alta de 0,4% no trimestre anterior. O comércio líquido contribuiu com 0,1 ponto percentual para o PIB, com as exportações superando as importações, enquanto a variação de estoques retirou 0,1 ponto percentual do crescimento.

# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

## PIB

A economia britânica cresceu 0,7% no primeiro trimestre de 2025 em relação ao trimestre anterior, conforme estimativa preliminar, sendo o maior crescimento em um ano. Pelo lado da produção, o avanço foi impulsionado por um aumento de 0,7% no setor de serviços, com destaque para as atividades administrativas e de apoio (3,7%) e o comércio atacadista e varejista (1,6%). A produção industrial também cresceu 1,3%, puxada principalmente pela manufatura (1,1%), com destaque para equipamentos de transporte (2,8%) e máquinas e equipamentos (4%). Pelo lado da demanda, o crescimento foi liderado por um salto de 2% na formação bruta de capital fixo, com destaque para investimentos em aeronaves, equipamentos de TIC e outras máquinas. O investimento empresarial aumentou 3,9%. Também houve contribuições positivas do comércio exterior, com exportações subindo 3,3% e importações 2%. O consumo das famílias cresceu 0,4%. Por outro lado, os gastos públicos recuaram 0,4%. Na comparação anual, o PIB cresceu 1,3%, em linha com a estimativa inicial e abaixo dos 1,5% registrados no quarto trimestre.

## Bolsas europeias

Durante o segundo trimestre de 2025, as principais bolsas europeias apresentaram desempenho misto, refletindo um ambiente de incerteza marcado por tensões comerciais, expectativas divergentes de política monetária e resultados corporativos variados. O índice DAX, da Alemanha, teve uma queda de 0,99% em 1º de julho, marcando seu pior desempenho diário desde 19 de junho. A retração foi liderada por setores industriais e bancários, com destaque negativo para empresas de defesa como a Rheinmetall, que despencou mais de 5%. Apesar dessa correção, o DAX ainda acumula alta de 18,91% no ano, permanecendo resiliente diante da volatilidade.

Em contrapartida, o FTSE 100, do Reino Unido, destacou-se positivamente, com alta de 0,28%, beneficiado por expectativas de que o Banco da Inglaterra mantenha uma postura monetária mais conservadora diante da inflação de 3,5%. A possível mudança de listagem da AstraZeneca para os EUA também impulsionou o índice, reforçando o otimismo dos investidores locais.

Já o francês CAC 40 permaneceu praticamente estável, com leve queda de 0,04%, ocultando a volatilidade que marcou o período. O índice está cerca de 6,6% abaixo de sua máxima de 2025, mas ainda acumula ganho de 3,82% no ano.

No panorama mais amplo, o índice STOXX 600 recuou 0,21%, pressionado pelas quedas nos setores bancário e industrial. A expectativa em torno do fim da suspensão tarifária dos EUA e os desdobramentos das reuniões do G7 contribuíram para um sentimento cauteloso nos mercados. Apesar disso, ações de tecnologia, como a Infineon, mostraram força, enquanto o setor de varejo enfrentou perdas expressivas após resultados decepcionantes.

No geral, o segundo trimestre evidenciou a fragilidade da recuperação europeia, marcada por forças contraditórias: de um lado, estímulos monetários e inovações tecnológicas; de outro, incertezas geopolíticas e pressão sobre os lucros corporativos.

# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

## **Mercado de Trabalho**

---

De acordo com os dados dos três últimos meses disponíveis, o mercado de trabalho da Zona do Euro apresentou sinais de estabilidade, embora com variações pontuais que refletem desafios estruturais e conjunturais da região. A taxa de desemprego permaneceu em níveis historicamente baixos, oscilando entre 6,2% e 6,3%, em linha com as expectativas do mercado, mas com leves aumentos no número absoluto de desempregados.

Em março, a taxa de desemprego manteve-se em 6,2% pelo sexto mês consecutivo, com um aumento de 83 mil pessoas desempregadas, totalizando 10,818 milhões. A taxa de desemprego entre jovens — aqueles com menos de 25 anos — caiu levemente, de 14,3% para 14,2%. As menores taxas foram registradas na Alemanha (3,5%) e nos Países Baixos (3,9%), enquanto Espanha (10,9%), França (7,3%) e Itália (6%) apresentaram índices superiores à média da região.

Em abril, a taxa caiu novamente para 6,2%, com uma expressiva redução de 207 mil desempregados, totalizando 10,680 milhões. A taxa de desemprego juvenil recuou para 14,4%, o menor nível em quatro meses. Alemanha e Países Baixos seguiram como os países com menor desemprego (3,6% e 3,8%, respectivamente), enquanto Espanha, França e Itália continuaram com os maiores índices.

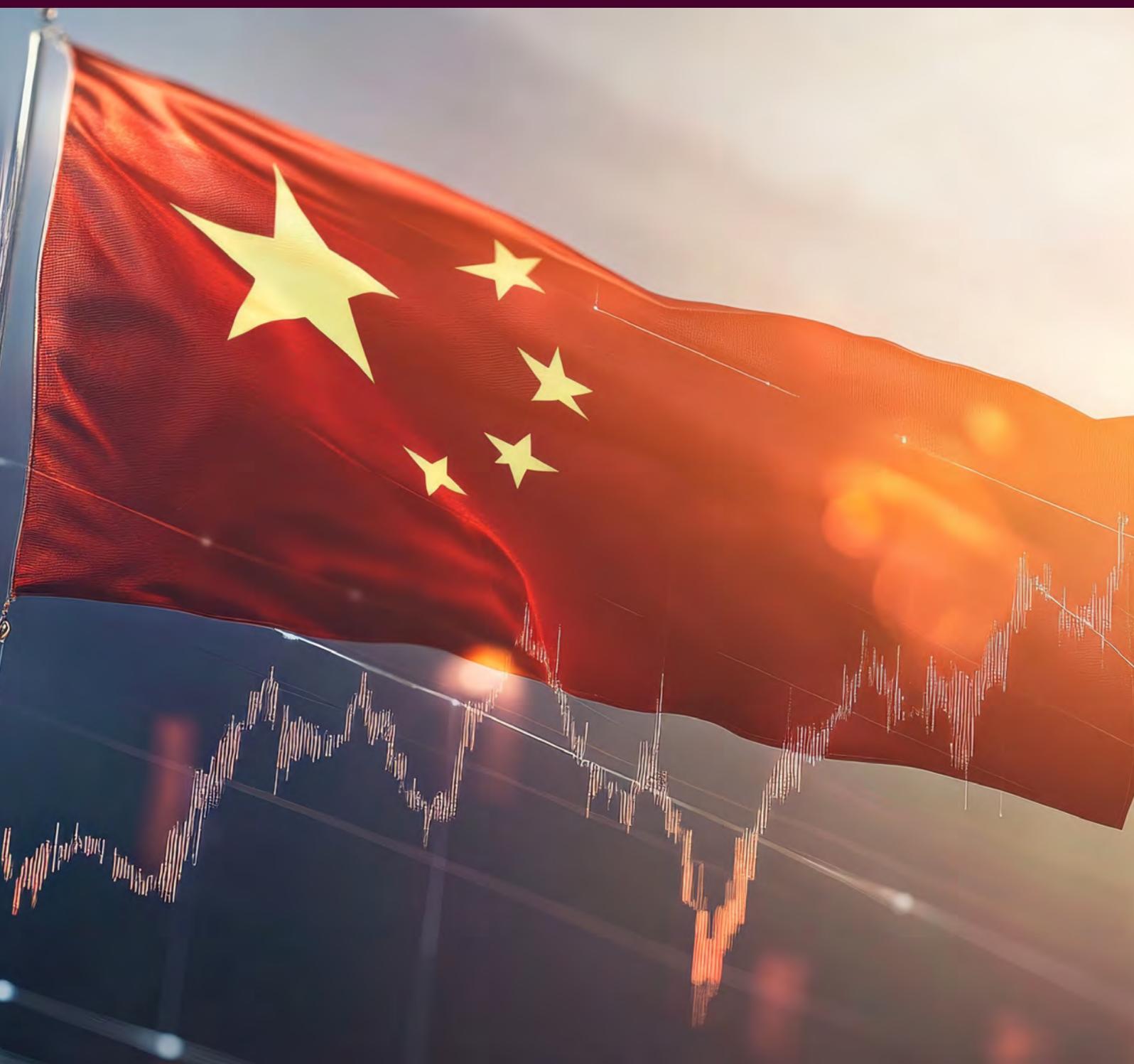
Já em maio, a taxa subiu levemente para 6,3%, acima das previsões. O número de desempregados aumentou em 54 mil, chegando a 10,830 milhões. A taxa de desemprego juvenil manteve-se em 14,4%. Alemanha (3,7%) e Países Baixos (3,8%) permaneceram entre os melhores desempenhos, contrastando com Espanha (10,8%), França (7,1%) e Itália (6,5%).

Apesar das flutuações mensais, o desemprego em 2025 permanece inferior ao registrado no mesmo período de 2024, refletindo a resiliência do mercado de trabalho europeu diante de incertezas econômicas e geopolíticas.

A taxa de desemprego do Reino Unido subiu para 4,7% no trimestre encerrado em maio de 2025, contrariando as expectativas do mercado de que permaneceria no nível de 2,6% registrado em abril. Este é o maior patamar desde o trimestre encerrado em julho de 2021. Em comparação com o período anterior, o desemprego aumentou em todas as faixas de duração: até 6 meses, entre 6 e 12 meses, e acima de 12 meses. Em termos anuais, o desemprego também cresceu em todas essas categorias.

Enquanto isso, o número de pessoas empregadas aumentou em 134 mil, atingindo 34,13 milhões — o maior nível desde fevereiro — impulsionado tanto por empregos em tempo parcial quanto em tempo integral. O número de pessoas com um segundo emprego também cresceu, representando agora 3,9% do total de trabalhadores empregados. Por fim, a taxa de inatividade econômica caiu 0,3 ponto percentual, chegando a 21%.

# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL CHINA



# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

## Inflação

---

A inflação ao consumidor na China apresentou sinais mistos ao longo do segundo trimestre de 2025, refletindo os desafios enfrentados pela segunda maior economia do mundo. Em abril e maio, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) registrou deflação anual de 0,1%, prolongando um período de quatro meses consecutivos de queda nos preços, influenciado por tensões comerciais com os Estados Unidos, demanda interna fraca e incertezas no mercado de trabalho. Apesar da estabilidade nos preços de itens não alimentícios e de aumentos moderados em habitação, saúde e educação, os custos com transporte recuaram de forma acentuada, contribuindo para o cenário deflacionário.

No segmento de alimentos, os preços seguiram em queda, embora em abril tenha havido uma desaceleração na deflação devido a problemas climáticos e logísticos que afetaram a oferta de produtos frescos. Em maio, a queda dos alimentos se intensificou, com retração de 0,4%, enquanto a inflação subjacente (que exclui alimentos e energia) avançou para 0,6%, o maior nível desde janeiro. Em junho, o CPI interrompeu a sequência de deflação e subiu 0,1% em relação ao ano anterior, superando as expectativas do mercado. Esse avanço foi impulsionado por promoções do comércio eletrônico, subsídios ao consumo promovidos por Pequim e sinais de distensão nas tensões comerciais. A inflação subjacente atingiu 0,7%, o maior patamar em 14 meses, sugerindo um fortalecimento gradual da demanda. No entanto, na variação mensal, o índice caiu 0,1%, marcando o quarto recuo mensal do ano, o que mantém a cautela quanto à recuperação da inflação no país.



# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

## Juros

No segundo trimestre de 2025, as decisões da política monetária da China refletiram uma combinação de cautela e estímulo diante de incertezas econômicas internas e externas. Em abril, o Banco Popular da China (PBoC) optou por manter inalteradas suas principais taxas de empréstimo pela sexta vez consecutiva. A taxa preferencial de empréstimo de um ano (LPR), referência para financiamentos corporativos e pessoais, foi mantida em 3,1%, enquanto a taxa de cinco anos, usada como base para hipotecas, permaneceu em 3,6%, ambas em níveis historicamente baixos. A decisão foi respaldada pelo crescimento acima do esperado do PIB no primeiro trimestre (+5,4% ao ano), o maior em um ano e meio, e pela continuidade dos estímulos fiscais promovidos por Pequim, como a emissão adicional de CNY 300 bilhões em títulos especiais de longo prazo voltados ao consumo.

Já em maio, o PBoC decidiu reduzir ambas as taxas em 10 pontos-base, cortando a LPR de um ano para 3,0% e a de cinco anos para 3,5%, o primeiro corte desde outubro do ano anterior. Essa medida foi acompanhada por um pacote mais amplo de estímulos monetários, incluindo a injeção de liquidez no sistema financeiro e cortes nas taxas de depósitos dos principais bancos estatais. A iniciativa buscou impulsionar a economia diante das pressões provocadas pelas tensões comerciais com os Estados Unidos e pela persistente fraqueza na demanda interna.

Em junho, o banco central optou por manter as taxas nos níveis reduzidos do mês anterior, em linha com as expectativas de mercado. A decisão refletiu uma leitura cautelosa do cenário econômico, que apresentou sinais mistos: enquanto as vendas no varejo cresceram no ritmo mais forte em 15 meses, a produção industrial desacelerou e os novos empréstimos bancários ficaram abaixo das expectativas. Assim, o PBoC sinalizou que permanece atento à evolução do ambiente econômico, mantendo espaço para possíveis ajustes futuros.



# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

## **Mercado Imobiliário**

---

No segundo trimestre de 2025, o mercado imobiliário chinês continuou enfrentando um cenário de retração, embora com sinais graduais de moderação na queda dos preços. De abril a junho, os preços de novos imóveis em 70 cidades apresentaram contrações anuais consecutivas, acumulando 24 meses seguidos de declínio. Em abril, os preços caíram 4,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior, desacelerando frente à queda de 4,5% registrada em março. Em maio, a retração desacelerou novamente, para 3,5%, e em junho caiu ainda mais, para 3,2%, o ritmo mais brando desde abril de 2024. Esse movimento reflete os esforços persistentes de Pequim para estabilizar o setor, com medidas de incentivo à demanda e suporte financeiro a incorporadoras.

Entre as principais cidades, observou-se uma tendência de redução no ritmo de queda dos preços. Em Beijing, por exemplo, a taxa de recuo diminuiu de -5,7% em março para -4,1% em junho. Guangzhou, Shenzhen, Tianjin e Chongqing também seguiram trajetória semelhante. Em contraste, Shanghai permaneceu como exceção, apresentando aumentos consistentes ao longo do trimestre: 5,9% em abril e maio, e 6,0% em junho.

No entanto, apesar do arrefecimento anual, os preços mensais voltaram a recuar em maio (-0,2%) e junho (-0,3%), após dois meses de estabilidade. Esse comportamento sugere que, embora as pressões sobre o mercado imobiliário tenham diminuído ligeiramente, a recuperação ainda é incerta e depende do fortalecimento da confiança dos compradores e da continuidade das políticas de apoio por parte do governo central.

## **PIB**

---

O PIB da China cresceu 1,1% no segundo trimestre de 2025, ajustado sazonalmente, superando as previsões de mercado de 0,9%, apesar de ter desacelerado levemente em relação ao aumento de 1,2% registrado no primeiro trimestre. O resultado acima do esperado refletiu os efeitos positivos de uma série de medidas de apoio adotadas por Pequim, incluindo cortes nas taxas de juros e injeções adicionais de liquidez para sustentar a economia impactada pelas tarifas. Em maio, China e Estados Unidos firmaram uma trégua comercial, comprometendo-se a reverter a maior parte das tarifas. Um encontro de acompanhamento em Londres, em junho, resultou em um acordo preliminar que prevê a aceleração das aprovações chinesas para exportações de terras raras e a flexibilização, por parte dos EUA, de restrições ao acesso de tecnologias avançadas e à concessão de vistos estudantis para cidadãos chineses. Ainda assim, com um novo prazo tarifário marcado para 12 de agosto, Pequim enfrenta pressões para alcançar um acordo mais permanente. Enquanto isso, o departamento de estatísticas da China destacou que a economia manteve um crescimento estável com boa dinâmica, demonstrando resiliência, mas alertou para o aumento das incertezas externas e a persistente fraqueza da demanda interna.

# CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - BOLSAS ASIÁTICAS

Durante o segundo trimestre de 2025, as principais bolsas asiáticas apresentaram um desempenho positivo, impulsionado por fatores como a trégua tarifária entre Estados Unidos e China, estímulos monetários regionais e fluxos de capital estrangeiro, ainda que cercado por desafios macroeconômicos e políticos.

O Kospi, índice da Coreia do Sul, destacou-se com uma valorização robusta superior a 20% desde abril, consolidando-se como um dos mercados mais atrativos da Ásia. Esse desempenho foi sustentado pelo setor de tecnologia e semicondutores, com empresas como a Samsung Electronics se beneficiando da alta demanda global por chips. O influxo significativo de capital estrangeiro e o cenário global mais favorável, incluindo o enfraquecimento do dólar e avanços nas negociações comerciais, também impulsionaram o índice, que fechou junho em 3.089,65 pontos e seguiu em alta até meados de julho.

As bolsas chinesas, Shanghai Composite e Shenzhen Composite, mostraram recuperação moderada após períodos de deflação e incertezas. O Shanghai Composite subiu cerca de 8,15% no trimestre, refletindo a resiliência econômica e o suporte das políticas de estímulo do governo. O Shenzhen Composite teve ganhos mais discretos, mas acompanhou o otimismo gerado pela flexibilização tarifária e medidas monetárias do People's Bank of China, apesar da cautela diante dos riscos externos e da fraqueza do consumo interno.

O índice Hang Seng, de Hong Kong, também consolidou uma recuperação expressiva, com ganhos superiores a 20% no acumulado do ano até o final do trimestre. A alta foi impulsionada pelo fortalecimento do setor de tecnologia, o boom de ofertas públicas iniciais (IPOs) — que registrou o maior volume global no primeiro semestre — e a melhora do sentimento econômico decorrente do crescimento do PIB chinês. O Hang Seng chegou próximo a 25.000 pontos em julho, níveis não vistos desde 2022, refletindo a confiança dos investidores, embora ainda dependente da estabilidade política e das negociações comerciais entre China e EUA.

Por fim, o Nikkei 225 do Japão teve um trimestre volátil, influenciado inicialmente pela ampliação das tarifas americanas que derrubaram o índice em cerca de 6% em abril. Após a suspensão temporária das tarifas, o Nikkei recuperou parte das perdas, fechando junho próximo dos 40.000 pontos. O desempenho foi apoiado pelo enfraquecimento do iene e dados econômicos internos, apesar da cautela diante do cenário político e das incertezas externas.

Em síntese, o segundo trimestre de 2025 evidenciou uma recuperação generalizada nas bolsas asiáticas, com destaque para a forte valorização do Kospi e Hang Seng, o progresso gradual das bolsas chinesas e a resiliência do Nikkei frente a desafios globais. O cenário segue sujeito a riscos externos, especialmente relacionados às negociações comerciais e à dinâmica política regional.

# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO NACIONAL



# CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

## PIB

No primeiro trimestre de 2025, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 1,4% em relação ao quarto trimestre de 2024, com destaque para o forte avanço da Agropecuária (12,2%). Os Serviços subiram 0,3% e a Indústria apresentou estabilidade (-0,1%). No setor industrial, houve retração nas Indústrias de Transformação (-1,0%) e na Construção (-0,8%), mas crescimento nas Indústrias Extrativas (2,1%) e em Eletricidade e gás (1,5%). Nos Serviços, as maiores altas ocorreram em Informação e comunicação (3,0%) e Atividades imobiliárias (0,8%). Do lado da demanda, houve crescimento no consumo das famílias (1,0%) e na formação bruta de capital fixo (3,1%), enquanto o consumo do governo ficou praticamente estável (0,1%). No setor externo, tanto exportações (2,9%) quanto importações (5,9%) registraram alta.

Na comparação com o primeiro trimestre de 2024, o PIB cresceu 2,9%. A Agropecuária teve alta de 10,2%, impulsionada por maior produtividade e bons resultados na soja, milho, arroz e fumo. A Indústria avançou 2,4%, com destaque para a Construção (3,4%) e a Indústria de Transformação (2,8%). Os Serviços cresceram 2,1%, puxados por Informação e comunicação (6,9%).

A demanda interna também apresentou expansão: consumo das famílias (2,6%), do governo (1,1%) e investimento (9,1%), influenciado pela atividade da Construção, bens de capital e softwares. Exportações subiram 1,2%, enquanto importações dispararam 14,0%.

Por fim, o PIB acumulado em 12 meses cresceu 3,5%, com alta em Agropecuária (1,8%), Indústria (3,1%) e Serviços (3,3%). Destaque para o crescimento robusto em Construção (4,6%), Informação e comunicação (6,6%) e investimentos (8,8%). As importações (15,6%) cresceram mais que as exportações (1,8%).

## Inflação

No primeiro semestre de 2025, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 2,99%, com desaceleração do ritmo inflacionário ao longo do segundo trimestre. As variações mensais foram de 0,38% em abril, 0,26% em maio e 0,24% em junho, totalizando uma alta de 0,88% no trimestre. Apesar do recuo nas taxas mensais, a inflação em 12 meses subiu ligeiramente, de 5,32% para 5,35%, permanecendo acima do centro da meta.

O grupo Habitação foi o principal responsável pela pressão inflacionária no período, com destaque para a energia elétrica residencial, que subiu 2,96% em junho devido à vigência da bandeira vermelha patamar 1 e a reajustes tarifários em várias capitais. No acumulado do semestre, esse item teve alta de 6,93%, a maior variação para o período desde 2018. A taxa de água e esgoto também apresentou elevação de 0,59% em junho, impulsionada por ajustes tarifários em diferentes regiões.

# CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

## Inflação

---

No grupo Transportes, houve alta de 0,27% em junho, revertendo a queda registrada em maio. Mesmo com a redução nos preços dos combustíveis (-0,42%), o aumento em serviços como transporte por aplicativo (13,77%) e conserto de automóveis (1,03%) contribuiu para o avanço. Já o grupo Alimentação e bebidas apresentou variação negativa de -0,18% em junho, após nove meses de altas. A deflação foi puxada pela alimentação no domicílio, com queda nos preços de ovos, arroz e frutas. A alimentação fora do domicílio seguiu em alta, porém com desaceleração frente ao mês anterior.

O grupo Vestuário registrou alta de 0,75% em junho, com aumentos significativos nas roupas masculinas (1,03%), calçados e acessórios (0,92%) e roupas femininas (0,44%). No geral, os dados do segundo trimestre indicam uma inflação mais contida, mas ainda pressionada por itens administrados e serviços, com variações que mantêm o IPCA acima da meta anual.

## Juros

---

Entre abril e junho de 2025, o Banco Central do Brasil adotou uma postura firme no combate à inflação, promovendo sucessivas elevações na taxa Selic, que passou de 14,25% em março para 15% em junho. Na reunião do conselho monetário de maio houve novo aumento de 0,50 ponto percentual, alcançando 14,75%. Já em junho, foi anunciado um ajuste adicional de 0,25 ponto, levando a Selic ao seu maior patamar desde o início do ciclo: 15%.

As decisões do Comitê de Política Monetária (Copom) foram pautadas pela necessidade de conter a inflação, que segue acima da meta, tanto no índice cheio quanto nas medidas de núcleo da inflação. As expectativas inflacionárias para 2025 e 2026 continuam desancoradas, com projeções acima dos objetivos do Banco Central: 5,5% e 4,5%, respectivamente, segundo o boletim Focus, enquanto a projeção do próprio Copom para 2026 está em 3,6%.

Apesar do desempenho ainda positivo da atividade econômica e do mercado de trabalho, o cenário internacional adverso — marcado pela incerteza sobre a política comercial dos EUA, seus efeitos desiguais sobre a inflação global e o comportamento dos bancos centrais — tem pressionado as economias emergentes. O real também vem sofrendo com a volatilidade dos mercados, ampliando os riscos inflacionários internos.

O Copom sinalizou que o aumento de junho pode ser o último deste ciclo, dependendo dos efeitos defasados do aperto monetário já realizado. Ainda assim, o Comitê se mantém vigilante e disposto a promover novos ajustes caso a inflação não dê sinais claros de convergência para a meta.

# CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

## Dólar

No primeiro semestre de 2025, o dólar apresentou forte desvalorização tanto em termos globais quanto frente ao real. A moeda americana acumulou queda de 10% no semestre em relação a uma cesta de moedas, registrando seu pior desempenho semestral desde 1973. Frente ao real, a desvalorização foi ainda mais intensa: 11,87%. No segundo trimestre, o recuo foi de 4,96%, com destaque para junho, quando a moeda caiu 4,41%, fechando o mês a R\$ 5,4335 – o menor valor em nove meses.

Esse movimento de queda foi impulsionado por uma série de fatores, especialmente de origem interna nos Estados Unidos. As políticas comerciais instáveis do governo Trump, somadas às preocupações com o crescimento da dívida pública americana e à percepção de enfraquecimento da independência do Federal Reserve, alimentaram a incerteza econômica global. Isso comprometeu a confiança no dólar como moeda de reserva, estimulando a busca por alternativas mais estáveis, como o euro e o iene.

Além disso, o mercado passou a antecipar possíveis cortes nas taxas de juros pelo Fed até o fim de 2025, cenário que tende a enfraquecer ainda mais a moeda americana. A Bloomberg Intelligence avalia que a pressão sobre o dólar é estrutural e deve persistir ao longo do segundo semestre, com o processo de “desdolarização” se intensificando.

Para o restante do ano, a expectativa é de que a moeda continue sob pressão, a menos que ocorra uma reversão significativa no cenário fiscal e comercial dos EUA. Projeções revisadas do Boletim Focus indicam que o dólar deve encerrar 2025 cotado a R\$ 5,70, ligeiramente abaixo da estimativa anterior (R\$ 5,72), reforçando a perspectiva de continuidade na tendência de enfraquecimento.



# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO NACIONAL

## Ibovespa

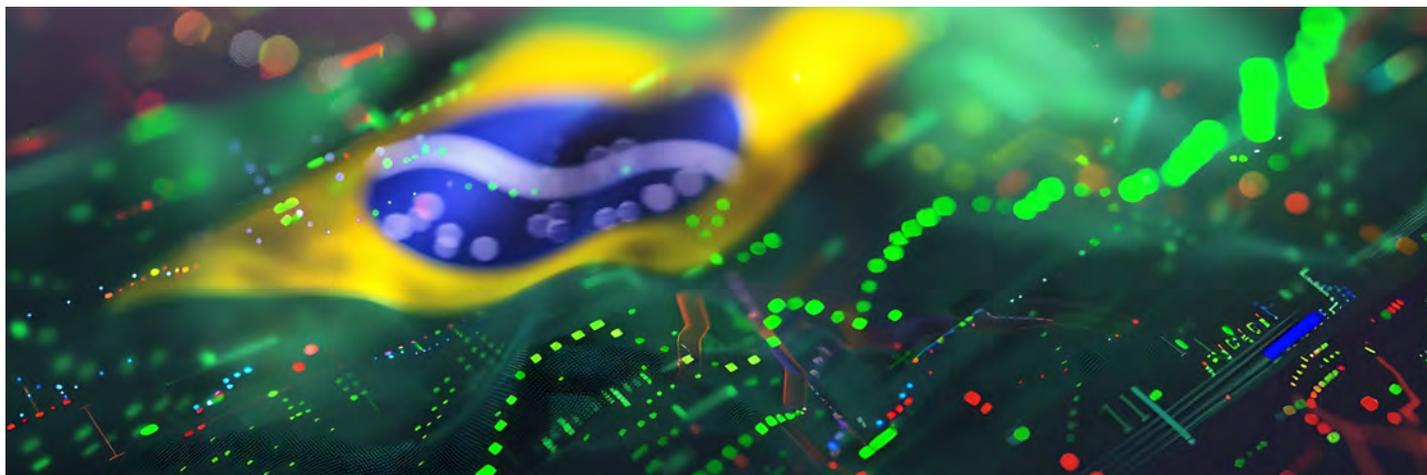
---

No segundo trimestre de 2025, o Ibovespa registrou valorização de 6,18%, consolidando um semestre bastante positivo para o principal índice da Bolsa brasileira. O desempenho foi impulsionado por fatores internos e externos, incluindo um ambiente internacional mais favorável e a expectativa de maior clareza nas políticas comerciais dos Estados Unidos. Em junho, o índice subiu 1,43%, completando o quarto mês consecutivo de ganhos, após altas de 6,08% em março, 3,69% em abril e 1,45% em maio.

Durante o trimestre, o Ibovespa alcançou os 139 mil pontos em seu melhor momento, encerrando o período próximo desse patamar, aos 138.854,60 pontos. O giro financeiro da última sessão de junho somou R\$ 20,5 bilhões.

No acumulado do primeiro semestre, o índice avançou 15,55%, marcando seu melhor resultado para o período desde 2016. Esse desempenho foi sustentado, em grande parte, pelo aumento do fluxo de capital estrangeiro para o mercado brasileiro, que atingiu o maior saldo dos últimos três anos.

No segundo trimestre, as ações do setor financeiro tiveram papel de destaque no desempenho positivo do Ibovespa, com ganhos acima de 1,5% nas principais instituições, especialmente na reta final de junho. As ações da Petrobras também contribuíram de forma relevante, revertendo a direção ao longo do último pregão do semestre e encerrando em alta. Por outro lado, ações ligadas ao setor de mineração e siderurgia, como Vale, CSN e Usiminas, mostraram desempenho mais fraco, com quedas moderadas. Entre os destaques positivos, empresas do varejo e construção civil apresentaram fortes valorizações, com papéis como MRV (+7,60%) e Magazine Luiza (+5,91%) liderando os ganhos. Já do lado negativo, ações como Petz e Usiminas encerraram o trimestre com recuos, ainda que sem grande impacto sobre o índice geral.



# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO NACIONAL

## **Mercado de Trabalho**

O mercado de trabalho brasileiro manteve trajetória favorável no primeiro semestre de 2025, com a taxa de desocupação atingindo 6,1% em abril – o menor patamar da série histórica da PNAD Contínua. Essa melhora está fortemente associada ao crescimento sustentado da população ocupada, que somou 103,7 milhões de trabalhadores, com alta anual de 2,1%. A expansão do emprego formal foi o principal motor desse avanço, crescendo 3,6% no ano, enquanto o emprego informal subiu apenas 1,5%.

Apesar desse bom desempenho, a força de trabalho vem crescendo a um ritmo mais moderado, com taxa média anual de 1,0% nos últimos três anos, abaixo do período pré-pandemia. Essa desaceleração é particularmente observada entre trabalhadores com menor escolaridade, o que contribuiu para a redução do desemprego de longa duração.

O número de pessoas fora da força de trabalho que não desejam retornar ao mercado, mesmo diante de propostas vantajosas, chegou a 86,1% no primeiro trimestre de 2025. Por outro lado, o desalento vem diminuindo: a proporção de pessoas nessa condição caiu para 39,2%, uma retração de 8,4 pontos percentuais em três anos. Em contrapartida, aumentou o número de pessoas fora do mercado por motivos pessoais, de saúde ou cuidados domésticos.

Com a baixa ociosidade, os rendimentos médios reais seguiram em trajetória de alta, alcançando R\$ 3.426,00 (habitual) e R\$ 3.487,00 (efetivo) no trimestre móvel encerrado em abril, com crescimentos interanuais de 3,2% e 3,4%, respectivamente. Esse aumento da renda, somado ao avanço da ocupação, resultou em elevações significativas da massa salarial real, que cresceu 5,9% na medida habitual e 6,1% na efetiva, sustentando o consumo das famílias e contribuindo para a manutenção do dinamismo econômico.



# CENÁRIO MACROECONÔNOMICO NACIONAL

## Comércio Exterior

No segundo trimestre de 2025, a balança comercial brasileira registrou superávit acumulado de US\$ 20,28 bilhões, resultado da diferença entre exportações totais de US\$ 89,7 bilhões e importações de US\$ 69,42 bilhões. Apesar de manter saldo positivo, o resultado trimestral veio em desaceleração em relação ao trimestre anterior, refletindo maior pressão sobre as importações e queda nas exportações de alguns setores tradicionais.

Em abril, o país registrou superávit de US\$ 8,15 bilhões, o maior desde maio de 2024. As exportações somaram US\$ 30,4 bilhões, impulsionadas por produtos como milho (+105,5%), café (+36,3%), ouro não monetário (+77,7%) e veículos de passageiros (+38,8%). Já as importações subiram 1,6%, totalizando US\$ 22,26 bilhões, com destaque para café (+15.429,4%), cacau (+155,6%) e fertilizantes brutos (+175,1%).

Em maio, o superávit caiu para US\$ 7,24 bilhões, abaixo das expectativas do mercado. As exportações recuaram 0,1% na comparação anual, com retração em agricultura e indústria extrativa, enquanto a indústria de transformação apresentou crescimento de 3,4%. As importações aumentaram 4,7%, sustentadas pelo setor manufatureiro.

Junho marcou nova queda no saldo comercial, que ficou em US\$ 5,89 bilhões. As exportações cresceram 1,4%, puxadas pela indústria de transformação (+10,9%), mas com quedas relevantes em agropecuária (-10%) e mineração (-6,2%). As importações subiram 3,8%, com destaque para os produtos manufaturados (+5,5%).

No acumulado do primeiro semestre, o superávit comercial totalizou US\$ 30,1 bilhões, refletindo uma queda de 0,7% nas exportações e um crescimento de 8,3% nas importações. A dinâmica reflete tanto a resiliência da demanda interna por bens importados quanto os efeitos da desaceleração externa, especialmente nas vendas para a China. Houve também deterioração do saldo com os principais parceiros comerciais: déficits sucessivos foram registrados nas trocas com Argentina, China e Estados Unidos. Ainda assim, a balança comercial segue positiva, embora com tendência de redução do superávit.



# GESTÃO DE INVESTIMENTOS



# COMENTÁRIO DA GESTÃO DE INVESTIMENTOS

A meta do semestre foi obtida com sucesso. No mês de junho, o portfólio entregou +0,82% frente a uma meta proposta para o mês de +0,67%. No semestre, a carteira performou +6,01% frente a uma meta de +5,66%, logo, seguimos com a meta cumprida adicionado de uma ligeira margem. Este primeiro semestre foi muito desafiador para o nosso portfólio, pois a política econômica dos EUA trouxe muita volatilidade para as bolsas globais, em especial para as bolsas americanas, que chegaram a ficar bem negativas no mês abril. Além disso, o dólar acumula uma queda frente ao real na ordem de -12% o que machuca muito a nossa carteira dada a sua forte correlação com o dólar. Os destaques deste primeiro semestre vão para a nossa B3 e o CDI que acumulam +15,44% e +6,41%, respectivamente, premiando aqueles que se posicionaram previamente. Uma alocação importante que fizemos neste primeiro semestre foi na Letra Financeira do Tesouro, a LFT. Sazonalmente na virada do semestre temos uma inflação mais branda, possibilitando o atingimento da meta atuarial com mais tranquilidade. No mês de agosto, a projeção Anbima para o IPCA é de uma leve deflação de -0,04%. Ciente desta informação, o Comitê de Investimentos do IPRESB deliberou por alocar todo o recurso retornado da NTN-B 2025 na LFT, ativo que segue a taxa básica de juros, que hoje está em 15% ao ano. Foram alocados cerca de 0,5 bilhão de reais neste benchmark, além dos recursos que já estavam posicionados em fundos DI. Esta alocação tem um caráter mais tático do que estratégico, logo, marcamos este título a mercado e não na curva, como fazemos com as NTN-B's, pois o Comitê poderá deliberar pela troca em momento oportuno. Cerca de 1/6 da carteira do instituto segue o CDI/Selic possibilitando a superação da meta com segurança. Estamos muito auspiciosos para o segundo semestre e seguiremos enveredando os melhores esforços na busca de nossa meta atuarial com a máxima segurança.

## PORTFÓLIO DO IPRESB

### **Carteira de Renda Fixa (art. 7)**

Nossa carteira de TPF fechou o primeiro semestre correspondendo cerca de 86% de nosso PL, performando +0,64% no mês de junho. Neste segundo trimestre as NTN-B's com vencimentos em anos ímpares pagaram para o nosso instituto R\$34.639.896,72 na forma de cupons além do retorno de nossa B25. O Comitê segue convicto que as NTN-B's são os ativos mais adequados para o nosso portfólio dado o seu risco, possibilidade de marcação na curva, fluxo de cupons trimestral e total aderência ao nosso passivo.

Os fundos do art.7, I, b, que alocam 100% de seu PL em TPF, que representam cerca de 3,9% de nosso PL como os fundos Trend da XP e BB, todos indexados ao CDI entregaram 1,09%.

O fundo enquadrado no artigo 7, III, a, como o TMJ IMA-B RF e o Rio Bravo, que possui risco de crédito misto representando cerca de 1% de todo nosso PL performaram +0,39% e +5,94%, respectivamente

Já os fundos de crédito privado do art.7, V, a, que representam cerca de 0,2% de nossa carteira como os fundos Incentivo Multissetorial II e GGR Prime entregaram este mês +0,92% e -0,16%, respectivamente.

# PORTFÓLIO DO IPRESB

## Carteira de Renda Variável (art. 8)

---

Nossa carteira de fundos de ações é composta por apenas 4 fundos de investimentos. Todos os nossos fundos neste artigo estão enquadrados, e os seus gestores e/ou administradores estão presentes na Lista Exaustiva e, portanto, apesar da volatilidade apresentada por esta parte de nosso portfólio, os fundos são ativos saudáveis com prestadores de serviços de boa reputação no mercado. Por se tratar de uma carteira de ações esta categoria não possui o risco de crédito, porém está exposta ao risco de mercado onde a marcação do preço de suas cotas varia ao sabor dos ventos da macroeconomia. Dado o contexto descrito acima, neste mês a carteira de ações que corresponde cerca de 2,56% de nosso PL entregou +2,79%, ficando acima de seu benchmark.

## Carteira de Investimentos no Exterior (art. 9)

---

Os ativos de renda variável global de nosso portfólio com uma representatividade com cerca de 3,5% de nosso PL alocados em 9, II e 9, III com uma correlação inversa ao nosso Real entregaram -0,61% e +0,95%, respectivamente.

## Carteira de Fundos Estruturados (art. 10)

---

A carteira de fundos multimercados que representa cerca de 1,53% de nosso PL, nos puxou para baixo em +5,49%. Já os fundos de participação (Art.10, II), que representam cerca de 1,25% de nosso portfólio performaram +0,04% neste mês.

## Carteira de Investimentos Imobiliário (art. 11)

---

Os fundos de investimentos imobiliários que representam cerca de 0,5% de todo nosso portfólio entregaram -0,16%. Neste trimestre o fundo Caixa logística pagou (amortização + dividendos) R\$6.135,72 e o fundo INFRA pagou na forma de dividendos R\$123.301,56. Além deles tivemos uma amortização parcial do fundo KNRE11 de R\$51.709,26.

## Fechamento do Portfólio no mês

---

Desta forma, a performance para o último mês de junho ficou em **+0,82%**, acumulando uma rentabilidade no semestre de **+6,01%** e fechando com um patrimônio líquido de **R\$ 3.955.120.240,31**.

# Relatório Analítico

## Retorno e Meta Atuarial - JUNHO 2025

Enquadramento da Resolução CMN nº 4.963/21	Enquadramento	% da Carteira	Limites da Política - DPIN < MIN ; ALVO ; MAX >	% da Carteira
Títulos Públicos Federais	Art. 7º, I, a	85,62%	< 50% ; 70% ; 95% >	 <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Títulos Públicos Federais</li> <li>■ Fundo RF - 100% Tit do Tesouro Nacional</li> <li>■ Fundo RF - Geral</li> <li>■ Fundo RF - FIDC - Direitos Creditórios</li> <li>■ Fundo RV - Ações Geral</li> <li>■ Fundo RV - Invest no Exterior - FI no Exterior</li> <li>■ Fundo RV - Invest no Exterior - FI BDR NIVEL I</li> <li>■ Fundo RV - Invest no Exterior - FI BDR NIVEL II</li> <li>■ Fundo RV - Multimercado</li> <li>■ Fundo RV - FIP - Participações</li> <li>■ Fundo RV - FI - Imobiliário</li> </ul>
Fundo RF - 100% Tit do Tesouro Nacional	Art. 7º, I, b	3,87%	< 1% ; 5% ; 25% >	
Fundo RF - Geral	Art. 7º III, a	0,06%	< 0% ; 3% ; 20% >	
Fundo RF - FIDC - Direitos Creditórios	Art. 7º, V, a	0,17%	< 0% ; 1% ; 2% >	
Fundo RV - Ações Geral	Art. 8º, I	2,56%	< 0% ; 3% ; 15% >	
Fundo RV - Invest no Exterior - FI no Exterior	Art. 9º, II	2,68%	< 0% ; 3% ; 10% >	
Fundo RV - Invest no Exterior - FI BDR NIVEL I	Art. 9º, III	0,83%	< 0% ; 3% ; 10% >	
Fundo RV - Multimercado	Art. 10º, I	1,53%	< 0% ; 8% ; 15% >	
Fundo RV - FIP - Participações	Art. 10º, II	1,25%	< 0% ; 2% ; 8% >	
Fundo RV - FI - Imobiliário	Art. 11º	0,46%	< 0% ; 1% ; 5% >	

ACOMPANHAMENTO DE RECURSOS NO ANO							
Período	Recursos	Contribuições	Pagamento de Benefícios	Comprev	Rentabilidade Mensal	Crescimento P.L. - (mensal)	Rend Médio Trimestral
Janeiro	R\$ 3.668.001.792,07	R\$ 33.778.542,65	R\$ 22.322.068,20	R\$ 2.504.586,71	R\$ 30.188.274,55	1,18%	0,86%
Fevereiro	R\$ 3.718.358.711,85	R\$ 33.891.470,52	R\$ 22.872.812,10	R\$ 9.925.638,68	R\$ 30.606.251,14	1,37%	
Março	R\$ 3.767.555.354,82	R\$ 33.927.429,68	R\$ 23.154.074,75	R\$ 5.308.058,98	R\$ 34.081.372,06	1,32%	
Abril	R\$ 3.831.433.877,58	R\$ 32.286.945,58	R\$ 23.753.464,93	R\$ 15.010.842,51	R\$ 39.372.789,51	1,70%	
Maior	R\$ 3.902.775.711,14	R\$ 34.833.230,93	R\$ 24.110.645,43	R\$ 10.878.616,78	R\$ 51.502.798,28	1,86%	
Junho	R\$ 3.955.120.240,31	R\$ 33.736.917,95	R\$ 24.445.236,50	R\$ 11.057.956,01	R\$ 32.126.978,37	1,34%	

MÊS	IPCA		IPCA+5,24% a.a. (ACUMULADO)		DESEMPENHO DO PORTFÓLIO		
	MENSAL	ACUMULADO	MENSAL	ACUMULADO	RENDIMENTO MENSAL	ACUMULADO	RENTAB. MÉDIA
Janeiro	0,16%	0,16%	0,59%	0,59%	0,83%	0,83%	0,83%
Fevereiro	1,31%	1,47%	1,74%	2,34%	0,83%	1,68%	0,83%
Março	0,56%	2,04%	0,99%	3,35%	0,92%	2,62%	0,86%
Abril	0,43%	2,48%	0,86%	4,24%	1,05%	3,70%	0,91%
Maior	0,26%	2,75%	0,69%	4,96%	1,34%	5,12%	1,00%
Junho	0,24%	2,99%	0,67%	5,66%	0,82%	6,01%	0,98%

INDICADOR	INDICADORES DE REFERÊNCIA	
	MÊS	ACUMULADO
IBOVESPA	1,33%	15,44%
CDI	1,10%	6,41%
DOLAR	-4,41%	-11,87%
IPCA	0,24%	2,99%



RESUMO DAS INFORMAÇÕES		Este relatório visa dar publicidade à Carteira de Investimentos do IPRESB, contendo as informações do mês. A partir do mês 06/2022, iremos utilizar as APR's, sobre as movimentações dos fundos, emitidas pelo sistema do CADPREV. O Instituto possui contrato com a empresa Nelógica Sistemas de Software Ltda, CNPJ 05.898.757/0002-49 pelo período de 14/12/2024 a 13/12/2025, Valor: R\$ 1.359,81 mensal. Processo: nº 049/2024 contrato 21/2023. Valor referente ao COMPREV consta Regime Geral/Municipais Estaduais e juros quando houver. OBS.: Valor de R\$ 38.931.507,40 referente a resgate do Fundo BB Ações Ibovespa Ativo se encontra em processo de cotização e sua alocação será demonstrada no próximo período nos fundos FIC FIA CAIXA BRASIL AÇÕES LIVRE QUANTITATIVO e XP INVESTOR DIVIDENDOS.
RECURSO NO INÍCIO DO EXERCÍCIO.	R\$ 3.625.307.593,31	
TOTAL DE RECURSOS INVESTIDOS + SALDO EM CONTA CORRENTE	R\$ 3.955.120.240,31	
TOTAL DAS CONTRIBUIÇÕES	R\$ 202.454.537,31	
TOTAL DE RENDIMENTOS	R\$ 217.878.463,91	
VARIAÇÃO DO P.L.	9,10%	
META ATUARIAL ACUMULADA (IPCA + 5,24% a.a)	5,66%	
RENDIMENTO DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS EM % ACUMULADO	6,01%	
CUMPRIMENTO DA META ATUARIAL NO PERÍODO	106%	

# INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO



# INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

O Comitê segue com um manejo mais conservador buscando alocar majoritariamente em títulos públicos federais enquadrados no art. 7, I, a da Resolução do Conselho Monetário Nacional 4.963/21.



Figura 01 – Distribuição dos recursos garantidores por segmento da 4.963/21.

# INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

Seguimos como o nosso principal parceiro o Tesouro Nacional além de bancos e Asset's de grande reputação sendo os maiores distribuidores de ativos no universo dos RPPS.



Figura 02 – Distribuição dos recursos garantidores por gestores.

# INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

A nossa principal estratégia segue sendo o “IPCA+” estratégia que está fortemente correlacionado ao nosso passivo. Note que nossa segunda maior estratégia é o SELIC/CDI. Dado que temos uma política monetária mais contracionista e uma inflação sazonalmente baixa, o Comitê entendeu que seria uma estratégia interessante para se posicionar taticamente.



Figura 03 – Distribuição dos recursos garantidores por estratégia.

# INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

## Risco do portfólio

O risco de nosso portfólio que é medido pelo VaR segue baixo e controlado. O Value at Risk amplamente utilizado e prevista em nossa Política de Investimentos quantifica a maior perda esperada para um horizonte de 252 dias úteis em um intervalo de 95% de confiança em condições normais de mercado. Trata-se de uma métrica de risco de natureza estocástica que mede o risco de mercado do tipo paramétrico. Iniciaremos o próximo ano com um VaR = 1,29%.

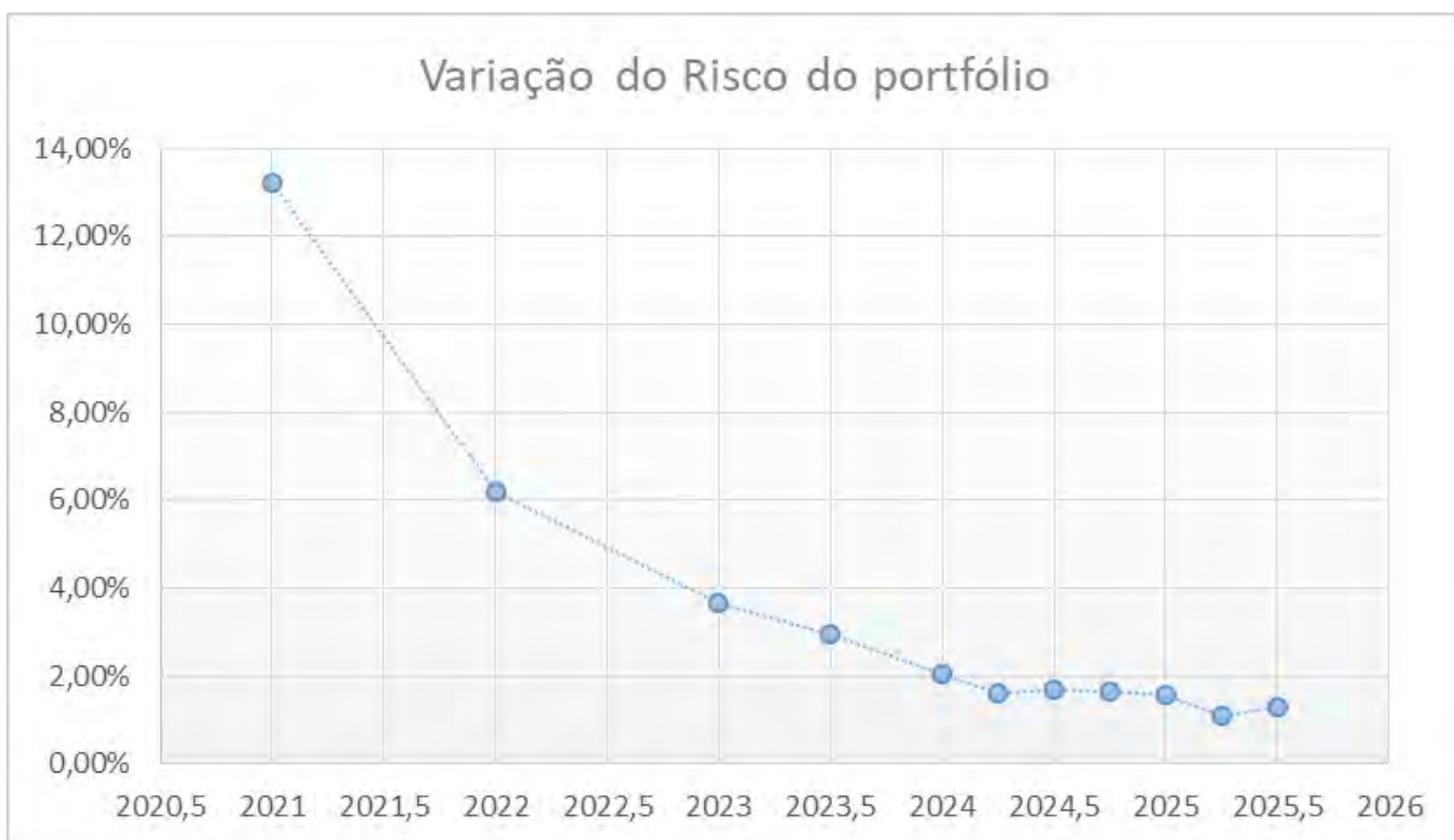


Figura 04 – Curva de risco do portfólio nos últimos anos.